

Museu de Portimão: Um laboratório de projectos, ideias e parcerias

Entrevista a José Gameiro

Paulo Falcão Alves, Universidade do Algarve, Portugal (pjaalves@ualg.pt)



Resumo: Este ensaio teve como objetivo entrevistar o diretor científico do museu de Portimão, de modo a perceber a sua missão e a envolvência que o museu tem com a região, bem como as estratégias que tem aplicado de modo a fazer a ponte entre a cultura e a comunidade local. Tratou-se de uma conversa informal onde José Gameiro nos contou, de forma breve, a história do museu, o seu trajeto ao longo dos onze anos que decorreram desde a sua inauguração pública, bem como o posicionamento que o mesmo ocupa hoje, quer ao nível da cultura, quer ao nível da região do Algarve.

Palavras-chave: cultura, fábrica, história, identidade, museu

Abstract: This essay was made with the objective to interview the scientific director of the Portimão museum, in order to perceive the mission and the involvement that the museum has with the region, as well as the strategies that have been taken in order to build bridges between culture and the local community. It was an informal conversation, where José Gameiro told us a briefly history of the museum, its journey over the eleven years since its inauguration, and the position that the museum occupies today, in both culture and Algarve region.

Keywords: culture, factory, history, identity, museum

Introdução

O Museu de Portimão pretende constituir-se como um observador permanente e atento da sua realidade social e patrimonial, constituindo-se um ativo laboratório de projectos, ideias e parcerias, com vista à produção de conhecimento, formando deste modo uma ponte de mediação e interação cultural com as comunidades locais e seus visitantes. Foi com esta premissa que surgiu a ideia de conhecer este espaço e entrevistar o seu diretor científico, o Professor José Gameiro.

Do renovado edifício de uma antiga fábrica de conservas, surge o Museu de Portimão, distinguido em 2010, com o Prémio “Museu Conselho da Europa”, assumindo-se como um museu virado para o reforço da identidade do território algarvio, espelhando, na sua génese, a matriz histórica, rural, industrial, marítima e cultural das suas gentes.

Para recuarmos ao nascimento do Museu de Portimão, devemos focar-nos em primeiro lugar nos seus contextos geográficos e naturais, nomeadamente no rio Arade e na ria de Alvor – na influência que exerceram na chegada e permanência de várias civilizações. O sal e os recursos marítimos foram de facto os fatores que desde a pré-história, passando pela Antiguidade, muito contribuíram para essa fixação e interação, deixando as raízes e testemunhos que hoje o Museu de Portimão pretende preservar, valorizar e divulgar.

Segundo José Gameiro, para além da riqueza piscícola da região, o sal esteve de facto na génese de um dos principais, senão o principal elemento, para que aqui se começasse a desenvolver a indústria de conservação do pescado, contribuído deste modo para a evolução da indústria conserveira na região do Algarve, desde as cetárias de salga e “*garum*” romanas, passando pelas unidades de estiva de sardinha e biqueirão, até às fábricas de conserva.

Foi assim, com base numa conversa amigável e informal que fomos conhecendo a história deste projeto com o nosso anfitrião.



ENTREVISTA

Paulo Falcão Alves: Como pode descrever as bases que estiveram na essência do nascimento deste Museu?

José Gameiro: Sob o ponto vista da origem do museu, esse nascimento está formalmente ligado à criação da sua Comissão Instaladora, em 1983.

O desenvolvimento do turismo, em especial na zona costeira entre a Praia da Rocha e Alvor, a partir da 2ª metade do século XX, exerceu um profundo impacto e trouxe profundas transformações na sua densidade urbana e enquanto que algo de muito preocupante, do ponto de vista da nossa história colectiva, se passava em Portimão, nesse período.

Era um tempo em que se assistia ao encerramento das últimas fábricas de conservas e das indústrias (litografias, estaleiros, fundições, etc.) a elas ligadas, com o perigo iminente do desaparecimento irreversível de todo um património e documentação industrial, social e cultural a que se juntava o impressionante espólio arqueológico subaquático do Rio Arade, o qual em resultado das dragagens em curso, enchia as praias de milhares de artefactos, moedas e peças milenares, lançadas pelas tubagens da draga.

Antes da ideia de um museu era então urgente e prioritário a necessidade de salvaguardar e tratar de forma mais estruturada, este imenso património cultural, histórico, industrial, subaquático, marítimo, arqueológico e etnográfico.

Eram as nossas raízes que estavam ameaçadas e durante os 25 anos que separaram a criação da referida Comissão em 1983, e a inauguração pública do museu em 2008, foi esse trabalho, caracterizado por uma constante e participada colaboração e interacção com as populações, que inverteu e impediu esse enorme risco de erosão e perda das nossas referências e particularismos mais singulares.

É precisamente esse espírito de construção cívica e colectiva, enquanto lugar simbólico de produção de conhecimento e interpretação histórica de toda uma comunidade ao longo do tempo, que melhor caracteriza a especificidade deste museu.

Neste contexto, o Museu de Portimão foi, é e será permanentemente, uma autêntica “FÁBRICA DE HISTÓRIAS”, um ponto de encontro e um local dotado de uma visão dinâmica e global, capaz de trabalhar tanto como um guardião das suas memórias fundadoras, como um mediador e impulsionador das iniciativas culturais mais actuais e contemporâneas.



Paulo Falcão Alves: Em 2010 o museu ganhou o prémio “Museu Conselho da Europa (CoE)” – que significado atribui a este prémio e quais as razões que levaram, na sua opinião, a esta distinção?

José Gameiro: Foi uma agradável surpresa! - Aconteceu porque o júri, ao vir a Portimão e ao verificar a massificação turística que aqui se vivia, defendeu junto do Conselho da Europa, que este Museu seria um bom exemplo para chamar a atenção dessa realidade – a

sobreposição do turismo e a desintegração cultural das regiões, podendo assim servir como modelo para outras regiões, promovendo um pedagógico e complementar reencontro com as comunidades, o respeito pela sua evolução histórica e pelo seu património cultural. O objetivo era de facto, através de novos projectos neste caso museológicos, ajudar a combater a “monocultura turística”, muito condicionada ao “boom” e ao impacto do turismo de massas.

Penso que esta distinção acabou por premiar igualmente toda uma sociedade e um Município, que num gesto de profunda e desinteressada cidadania, num movimento surgido pela procura da afirmação dos seus valores, pretendeu e pretende continuar a dar futuro a todo o seu intenso e diversificado percurso histórico.

Hoje estamos entre os dez museus nacionais mais visitados em Portugal e, ao longo deste tempo, as portas de um reconhecimento europeu foram-se abrindo, quer pessoalmente enquanto participei como júri e presidente de júri do Prémio Museu Europeu do Ano (EMYA), quer colectivamente, enquanto Museu, sendo hoje a casa onde funciona o secretariado de European Museum Forum (que organiza o EMYA) e o local onde será instalado o Arquivo dos 42 anos de toda a documentação, relacionada com os museus dos 47 países europeus, que anualmente se candidatam ao Prémio do Museu Europeu do Ano e Conselho da Europa. Em função disso criou-se, a partir deste ano, outro novo prémio europeu – o Prémio “Museu Portimão” – para distinguir o museu mais acolhedor e acessível da Europa.

Paulo Falcão Alves: Quais são as áreas estratégicas do Museu de Portimão? Sente que o Museu está próximo da comunidade ou ainda há o estigma que os museus são lugares de elite? Se sim o que acha que pode ser feito para mudar essa realidade?

José Gameiro: A estratégia passa por criar um Museu de Território, de Identidade e Sociedade baseado em 3 eixos centrais simultaneamente como Observatório, Laboratório e Ponte:

1 - Um OBSERVATÓRIO não apenas centrado nas suas coleções mas sobretudo no património do seu território e na sua envolvente humana, para melhor a conhecer, estudar e compreender nas suas diferentes realidades sociais e, desse modo, encontrar mais facilmente potenciais interlocutores, colaboradores, parceiros e os temas mais prioritários a serem abordados, como fontes de inspiração e cidadania.

2 - Um LABORATÓRIO de ideias e iniciativas, produtor de mais e melhor conhecimento com forte interatividade social, científica, artística, educacional e cultural, facilitando e reforçando os diferentes ní-

veis de acessibilidade e interpretação, promovendo a aproximação das vozes e dos sectores socialmente mais distantes ou excluídos, motivando a capacidades de co-participação, inovação e inclusão.

3 - UMA PONTE entre as gerações, um espaço intemporal de criatividade, uma plataforma cultural aberta à pluralidade de parcerias e projetos, centrado na diversidade de seus públicos, visitantes e utentes, eliminando barreiras, estabelecendo e introduzindo uma dimensão mais humana e uma maior abertura num mundo demasiado tecnológico e em contextos excessivamente virtuais, egocêntricos e intolerantes.

